

A ASCENSÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Ana Teresa Gaia da Silva

Sheila Aparecida Vitoreli dos Santos

Orientador: Profº Ms. Márcio Lessa Benevides

Resumo

O estudo objetivou verificar a conjuntura social e profissional que envolve a mulher nos dias atuais, destacando as dificuldades que interferem em sua inserção no mercado de trabalho e as condições que geraram o novo perfil empreendedor feminino. A metodologia fundamentou-se na pesquisa bibliográfica e documental bem como em entrevistas que configuraram a observação direta da constituição de um Conselho de Mulheres Empreendedoras na cidade de Franca. As reflexões e os dados coletados levaram à conclusão do quanto a situação feminina se modificou e vem se modificando diante dos aspectos sociais e econômicos, sobretudo, por sua maior participação na sociedade.

Palavras-chave: empreendedorismo; discriminação feminina; trabalho; igualdade de gênero.

Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar um relato da história das mulheres na sociedade, focando sua evolução no mundo do trabalho e sua ascensão a papéis de liderança nas administrações, diante do desafio da conquista de igualdade de gênero.

Objetivamos conhecer os preconceitos históricos enfrentados pelas mulheres na sociedade, quer sejam eles de ordem pessoal, social ou profissional e a luta em busca da igualdade, com destaque para as dificuldades e os preconceitos impostos a elas, sobretudo no mundo corporativo. Dentro deste espaço, destacamos aspectos relativos aos benefícios, vantagens e desvantagens salariais em relação ao gênero bem como os fatores de sucesso nas administrações femininas.

Verificamos que mundo aposta cada vez mais no empreendedorismo feminino e não há dúvidas de que as mulheres vêm ocupando cada vez mais espaço no que tange à sociedade, aos negócios e à política, deixando de serem vistas apenas como esposas, mães e donas do lar. No entanto, o espaço ocupado na diferentes áreas, ainda nos dias de hoje, vem acompanhado de considerável grau de

discriminação, não só relacionado à qualidade das ocupações, grau de instrução, mas principalmente, à desigualdade salarial.

Segundo (BARDWICK, 1981, p. 51), “ao lutar pela oportunidade de obter sucesso, de admitir sua ambição, desenvolver sua competência, assumir liderança, adquirir poder, tentar e arriscar, tal como fazem os homens, a mulher dá um corajoso testemunho de sua individualidade”. Assim, com o desejo de construir uma identidade para além dos vínculos familiares, ela assume o compromisso com uma carreira e rejeita a condição de apêndice, o que reflete seu desejo de utilizar suas potencialidades.

Enfim, buscamos refazer a trajetória da mulher, do lar ao mundo corporativo, tal como nos relata no seu depoimento a indígena Olinda Muniz Pataxó Hã-hã-hãe e que será exposto no corpo desse trabalho: “...falar sobre Mulher de um modo geral, é estar se voltando a essência da vida, olhando a progenitora da criação. Contudo, somente há pouco tempo conseguimos sair deste lugar, de apenas, “mulher da criação” e sermos vistas pelo nosso potencial, pela nossa garra, altivez, sensatez...” É esse caminho que pretendemos percorrer em nossa exposição.

1 A LUTA DA MULHER PARA A PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DO TRABALHO

O papel da mulher é incontestavelmente para a preservação e sobrevivência do ser humano. De magnitudes imensuráveis, tal papel passa por etapas e comportamentos distintos entre as civilizações, pode-se constatar que, desde a Antiguidade, comportavam-se de forma submissa, sendo que as mesmas eram criticadas e julgadas pela suas atitudes e seus comportamentos, diante toda a sociedade.

As mulheres, motivadas por conquistas, são, agora, favorecidas pelas características desse novo tempo. As feministas e as mulheres de carreira estavam no centro do palco. Mais mulher do que em qualquer época anterior, agora estas estavam na busca de diplomas na área do comércio, medicina, direito, entre outras tantas. Os votos matrimoniais “até que a morte os separe” foram quebrados de modo crescente e o coeficiente de natalidade decaiu. Entretanto, as mulheres motivadas por Hera precisavam de um companheiro e a motivadas por Démeter necessitavam ter filhos e isso estava funcionando em clima crescentemente insuportável. Olhando para os anos que se passaram, consegue-se relatar alguns fatos que mostram a evolução do papel da mulher na sociedade, sua luta pelos direitos humanos e civis e a conquista da cidadania plena.

A mulher foi sempre submissa aos familiares e ao homem, mesmo quando possuía o cargo de chefe da família, em alguns casos vivia sob pressão constante de todos em seu redor. Percebe-se o quanto a mulher era um objeto na mão dos homens que traçavam um perfil para aquela que seria a progenitora, a

rainha do lar, independentemente da sua raça, cor, ou condição social. As índias brasileiras diferentemente das mulheres européias tinham estilos de vidas opostos, porém possuíam a vida e seu destino impostos como qualquer outra mulher da antiguidade pela sua família.

Visualiza-se claramente como a mulher se tornou um objeto na mão dos homens, desde a sua infância a comunidade tentava traçar um perfil perfeito, tendo a mulher que ser criada para ter filhos e cuidar da sua família, mesmo na comunidade indígena que possui hábitos divergentes aos europeus. A função das mulheres na sociedade, por mais diferente que fosse perante as diferentes etnias, era a mesma. Estas tinham o mesmo papel social, mas tentavam evoluir bravamente para conquistarem papéis mais significativos na sociedade.

Podemos concluir, com os estudos feitos, o sofrimento e como a história da mulher era, e ainda é em algumas regiões, obrigatoriamente construída pelos seus familiares. A mulher não podia executar um caminho escolhido por ela, já tinha seu destino descrito pela sociedade, não podia lutar por melhorias, não tinha direitos.

Nos anos 60, a mulher brasileira se sentia um pouco mais reprimida em relação às mulheres de outros países, devido ao contexto histórico que o Brasil vivia.

Na década de 80, foram grandes as conquistas do Movimento Feminista, como consequência de todos os anos de luta. Era visível que a mulher brasileira tinha a necessidade de aprender, tinha a “fome” do conhecimento. Inúmeras mulheres guerreiras foram se apresentando perante a sociedade; na música brasileira, tivemos cantoras de grande sucesso como Simone, Maria Bethania, Rita Lee. Nas universidades, a questão da luta feminina se tornou objeto de estudo também.

2 O CRESCIMENTO DA CARREIRA DA MULHER DIANTE A SOCIEDADE

Apesar de todos esses avanços, o Brasil, por ser um país subdesenvolvido e um país de caráter colonial, se atrasou na questão das conquistas femininas, porém no ano de 1922, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna deu um incentivo as mulheres servirem mais a sociedade e ao país. Gradativamente começou a decair a responsabilidade da mulher não só de cuidados com a família, mas deu início a uma nova mulher, a uma mulher que queria ser profissional, que tinha atividades no lar, mas que também aprendia a lidar com o ambiente externo, com uma vida profissional fora do lar, tendo que dar conta dos dois ambientes, deixando de lado o respeito, a obediência, a submissão, delicadeza, a pureza, criando novas habilidades e sabendo ir conquistando o seu espaço profissional diante o mercado de trabalho.

A mulher buscou evolução do seu papel na política para executar um papel de liderança, e assim encarar de frente a sociedade com menos preconceito, de acordo com todo o histórico de guerra entre os gêneros existente não somente no

Brasil no mundo, podemos enxergar como a mulher foi guerreira e soube modificar o seu destino se capacitando e não tendo medo de ir a luta e sofrer as consequências dos preconceitos e dificuldades impostas pelos homens e pela sociedade.

A luta da mulher começou a obter resultados no mercado corporativo, aos poucos elas foram buscando a sua independência no mundo profissional, deixando um pouco a vida doméstica de lado e tentando conquistar o mercado de trabalho com as suas competências, trazendo inovações e diversos pensamentos opostos ao dos homens.

As transformações no campo profissional de trabalho feminino fizeram com que as mulheres mudassem o foco no trabalho doméstico, no entanto, a mulher sendo vista como chefe da casa não deixou o serviço do lar de lado, se desdobrou para ser a mulher profissional e, ao mesmo tempo, dona de casa. Isto fez com que o setor de equipamentos para a vida doméstica ficasse de olho nas atualizações e foram desenvolvendo novas tecnologias para melhorar a vida das novas trabalhadoras.

As mulheres não buscavam um trabalho em casa apenas, elas buscavam algo além, queria algo que traria uma competência a mais, elas já tinham reconhecidas como bem capacitadas os serviços de casa, queriam capacitações em áreas que na época eram conhecidas e tidas como referências de trabalhos masculino, queriam provar sua capacidade intelectual além de sua “delicadeza” para serviços do lar.

As mudanças mostram claramente que os valores sociais estão mudando a mulher e vem deixando de ser a dona de casa e indo se posicionar no mercado de trabalho, o que a cada dia vem se tornando em movimento feminista. Isso, conforme o IBGE divulgou, ao longo dos anos 90, já se observa que a população feminina era maior que a masculina e seu nível de escolaridade vinha crescendo a renda.

As mulheres se sentiam diante tanta submissão ao homem, diante casamentos feitos sem que pudessem escolher o seu futuro, elas se tornavam prisioneira do que era para ser o início para a formação de sua família, a escolha de seu futuro parceiro, pai dos seus filhos, companheiro amigo, protetor, para o resto de sua vida. Diante tantas insatisfações buscaram a solução para o fim destes casamentos organizados, forjados e infelizes, foi daí então que veio a lei do divórcio, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as tendências de divórcio no país apresentam relações estudadas em recentes pesquisas. Antes essa relação era vista apenas nas áreas jurídicas e da psicologia, mais recentemente aparecem trabalhos relacionados à área econômica.

A maior inserção da mulher brasileira no mercado de trabalho ocorreu dentro de uma conjuntura desfavorável nos anos 60, ou seja, num período de baixo crescimento da economia brasileira, com o objetivo de complementar a renda. Nos anos 70, houve a inserção das mulheres mais jovens e menos escolarizadas em sua maioria solteiras. Nos anos 80, é que se inseriram no mercado as mulheres acima de 25 anos, chefes de família, com escolaridade mais elevada.

As preocupações das mulheres não vão ao encontro das perfeições estéticas, mais sim, tornarem-se mulheres realizadas profissionalmente, em busca de um futuro, de uma qualidade de vida melhor para seus familiares. A mulher, de acordo com as entrevistadas, deixou de ser aquela antiga senhora vaidosa e adquiriu novas competências para se sobressair no mundo atual.

Os papéis sociais de homens e mulheres estão passando por transformações resultantes do contexto sociocultural atual. Conforme os autores supracitados, os papéis eram rigidamente delineados e cultuados, hoje tudo é criticado e questionado. É importante ressaltar que os novos papéis de homens e mulheres estão em construção.

O homem criado para ser macho, durão, talvez não tenha mais tanto espaço esse se tem a necessidade de ser sensível, colaborador, “maternal” em relação à esposa grávida e ao bebê. A mulher criada para ser sensível, suave, meiga, se cobra para que seja indiferente, competitiva, agressiva no mercado de trabalho e que tenha sucesso, até que fique grávida, pois aí se espera que largue tudo por algum tempo

Na inversão dos papéis o homem passa a ser cuidador. Pois “ser pai” antes era considerado, algo da ordem natural, não se enfatizava a importância do pai para o desenvolvimento da criança. Com o aumento dos números de divórcios e o afastamento do pai do contexto familiar, surgiram os estudos sobre a ausência paterna. Somente a partir dos estudos da mulher que pesquisadores buscaram entender melhor a condição do homem pai.

As mulheres buscam na sua essência natural os fatores para se tornarem profissionais de sucesso. As estratégias podem ser muitas, sendo desta forma porque não usar o poder de rainha do lar para criar estratégias e virar a rainha da empresa. O mundo profissional exige qualificação preparo, mas, além disso, exige estrutura, força psicológica para exercer funções estratégicas para ganhar espaço.

As histórias nos mostram o quanto o perfil das mulheres da atualidade é muito diferente do começo do século. Além de trabalharem e ocuparem cargos de responsabilidade, assim como os homens, as mulheres acumulam as tarefas tradicionais de ser mãe, esposa e dona de casa, sempre com muita competência. Trabalhar fora de casa, conquistar sua autonomia financeira ganhando seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida, é motivo de orgulho para todas, apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento. São raras as exceções nas quais as mulheres ganham igual ou mais que os homens.

Embora ainda haja discriminação em relação ao trabalho feminino, as mulheres estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes eram redutos masculinos, conquistando o respeito e credibilidade demonstrando profissionalismo, já está mais do que comprovado que a mulher criada para ser sensível, transforma este cenário para a mulher que busca e luta para conquistar o

seu espaço, independência, assumindo seus papéis de forma inovadora, alcançando o sucesso, e sendo responsável por suas escolhas, buscando aquilo que deseja e provocando mudanças profundas no curso da história.

Conclusão

As histórias nos mostram o quanto o perfil das mulheres da atualidade é muito diferente do começo do século. Além de trabalharem e ocuparem cargos de responsabilidade, assim como os homens, as mulheres acumulam as tarefas tradicionais de ser mãe, esposa e dona de casa, sempre com muita competência.

Trabalhar fora de casa, conquistar sua autonomia financeira ganhando seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida, é motivo de orgulho para todas.

Apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento.

São raras as exceções nas quais as mulheres ganham igual ou mais que os homens. As estatísticas comprovam que elas ganham cerca de 30% a menos que os homens exercendo a mesma função. De acordo com que cresce a escala de salário, decresce a participação feminina, sendo assim entre aqueles que recebem mais de vinte salários, apenas 19,3% são mulheres. No entanto, mesmo sendo ainda minoria, está crescendo o número de mulheres que ganham mais que seus maridos/companheiros. As mulheres do século XXI têm como desafio tentar reverter o quadro da desigualdade salarial entre os gêneros.

Embora ainda haja discriminação em relação ao trabalho feminino, as mulheres estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes eram redutos masculinos, conquistando o respeito e credibilidade demonstrando profissionalismo.

Já está mais do que comprovado que a mulher criada para ser sensível, transforma este cenário para a mulher que busca e luta para conquistar o seu espaço, independência, assumindo seus papéis de forma inovadora, alcançando o sucesso, e sendo responsável por suas escolhas, buscando aquilo que deseja e provocando mudanças profundas no curso da história.

O conhecimento gerado pelo presente trabalho constitui um recorte que contribui para uma maior compreensão das mudanças na figura e papel feminino nas administrações. Ainda que não tenha sido objetivo do presente estudo esgotar o assunto, espera-se que essa pesquisa efetuada ofereça reflexões sobre o tema, para que sejam feitas novas pesquisas.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. A inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma força de trabalho secundária? Tese de doutorado em Sociologia (São Paulo, Universidade de São Paulo), 2007.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O Que é Feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13. ed. ver. ampl. São Paulo: Cortez, 2008.

BARDWICK, Judith Márcia. Mulher, Sociedade, Transição: como o feminismo, a libertação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas. Trad. de Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo: Difel, 1981.

BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. Estudos Avançados, vol. 17, nº49/SP, setembro/dezembro/2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006>. Acesso em: 06 jun. 2011.

BOLEN, Jean Shinoda. As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo, SP: Editora Paulus, 1990.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil/ Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977.

BRITO I, J. C.; D'ACRILL, V. Referencial de análise para o estudo da relação trabalho, mulher e saúde. Cad. Saúde Pública. v.7, n.2, Rio de Janeiro Apr./June, 1991.

CHIAVASSA, Rosana. Mulheres: as desigualdades persistem. In: PINSKEY, Jaime (org.). Práticas de Cidadania. São Paulo: Contexto, 2004.

CHU, Chin-Ning. A arte da guerra para mulheres. Trad. Neuza Capelo. Curitiba, PR: Fundamento Educacional, 2003.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. Psicol. estud., v .8, n.spe, 2003, p.31-38.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor – Executive Report, 2003.

GONZALEZ, Cláudio. História de luta das mulheres e a origem comemoração. NPC (Núcleo Piratininga de Comunicação). Disponível em: <www.piratininga.org.br/2006/83-8demarco.html>, publicado originalmente em <www.vermelho.org.br, em 8/3/2006>. Acesso em: 12 jun. 2011.

HÃ-HÃ-HÃE, Olinda Muniz Pataxó. Mulheres indígenas, força de nossas aldeias-31/07/2007. Planeta Terra. Disponível em: <<http://webradiobrasilindigena.wordpress.com/2007/10/31/mulheres-indigenas-forca-de-nossas-aldeias/>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

HAHNER, June. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June. A Mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. Cad. Pagu. Campinas, 2002, p. 17-18.

LEPORACE, Camila. Mutilação genital feminina. Revista Eletrônica Brasil Medicina, julho de 2010, Ano 10, 486^a edição. Disponível em: <http://www.brasilmedicina.com.br/noticias/pgnoticias_det.asp?Codigo=1303&AreaSelect=4>. Acesso em: 01 jun. 2011

MÈSZÁROS, Itsvan. A educação para além do Capital. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Rio de Janeiro, 9, n. 3, jul./set., 1993. (Cad. Saúde Públ.), p. 239-262.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE/Relação Anual de Informações Sociais – Rais. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/mulher/index.php?bole=09&tip=02>>. Acesso em: 06 jul. 2011.

MTE - RAIS CD-ROM; 1988/1992 Anuário Rais tab. 1.12; 1995 em diante CD-ROM. Disponível em: http://www.fcc.org.br/bdmulheres/download/Mercado_de_trabalho_formal_2007-1.pdf . Acesso em: 25 jun. 2011.

NASCIMENTO, Aurélio Eduardo do; BARBOSA, José Paulo. Trabalho: História e Tendências. São Paulo: Ática, 1996.

PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres: Igualdade e Especificidade. In: PINSKEY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2005.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PINTO, Céli. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PIROTTA, K.; CIBELLE, M.; SCHOR, N. Intenções reprodutivas e práticas de regulação da fecundidade entre universitários. Rev. Saúde Pública, v. 38, n. 4, ago. 2004, p. 495-502.

PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano. 2009

PRIORE, Mary Del. A Mulher na História do Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

RUIZ, Ana Paula. Jornal Carreira & Sucesso 51ª Edição. Disponível em: <<http://www.catho.com.br/jcs/reportagem.phtml?imp=1>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (orgs.). Dicionário mulheres do Brasil: e 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/26012011-111603a-escrita-mulherlivroeletronico.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2011.

SILVA e LAZO. 2010. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema8/abep2010_2375.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2011.

SOBRAL, Valério. A mulher na política Brasileira. Disponível em: <www.jangadamt.com.br/site/noticias/220-coluna-a-mulher-na-politica-brasileira.html>. Acesso em: 08 mai. 2011.

TARNOWSKI, K. da S.; PRÓSPERO, E. N.; SANCHES; ELSEEN, I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. Texto contexto - enferm., v.14, n.spe, 2005, p.102-108.

TOURAINÉ, Alain. Poderemos viver juntos?: iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 352.

VAZ, Gislene de Almeida. Projeto de Pesquisa apresentado no Curso de Pós-Graduação em Processo Legislativo do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados, intitulado “A Participação da Mulher na Política Brasileira”. Disponível em: <<http://apache.camara.gov.br/portal/arquivos/Camara/internet/posgraduacao/Gislene%20de%20Almeida%20Vaz%20-%20projeto%20curso%20PL%202%C2%AA%20ed.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SITES:

Disponível em: <<http://www.escueladefeminismo.org/IMG/pdf/quatroconferencias.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

Disponível em: <<http://www.catho.com.br/jcs/reportagem.phtml?imp=1>>. Acesso em: 20 mai. 2011.

Disponível em: <http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/gender/doc/cinter/ig_gera.htm>. Acesso em: 20 mai. 2011.

Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2008/9789241596442_por.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2011.